

**Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação**

Felipe Veiga do Nascimento

**Artes da cena em tempos de pandemia: um estudo da fruição
on-line e presencial a partir da peça *Desfazenda - Me enterrem
fora desse lugar***

São Paulo

2023

**Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação**

**Artes da cena em tempos de pandemia: um estudo da fruição
on-line e presencial a partir da peça *Desfazenda - Me enterrem
fora desse lugar***

Felipe Veiga do Nascimento

Orientador: Prof(o). Dr(o). Vinicius Romanini

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista Mídia, Informação e Cultura

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram neste período de travessias, de desafios enfrentados na pandemia à realização do meu casamento, celebrando todos juntos a vida. Agradeço a Deus, aos meus pais, Afonso e Maria da Graça, aos meus queridos irmãos, Gislaine e Alexandre, e à minha esposa Priscilla, vocês são meus alicerces em todos os momentos. E ao meu orientador Prof. Dr. Vinicius Romanini, muito obrigado!

ARTES DA CENA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DA FRUIÇÃO ON-LINE E PRESENCIAL A PARTIR DA PEÇA *DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR*¹

Felipe Veiga do Nascimento²

Resumo: Durante o período de isolamento social, devido a pandemia da Covid-19, os teatros, as galerias e outros espaços culturais ficaram fechados. Essas restrições fizeram com que os profissionais das artes cênicas buscassem alternativas para suas produções artísticas. O estímulo ao imaginário, à reflexão, à provocação e à troca entre público e artistas ganharam as plataformas on-line. Esse artigo propõe evidenciar as perspectivas do público e artistas com relação a fruição, a experiência e a reflexão da obra teatral *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*, encenada pelo Coletivo O Bonde em dois momentos: na peça-filme, apresentada on-line na pandemia, e presencialmente após a retomada aos palcos.

Palavras-chave: Artes Cênicas 1. Fruição 2. Plataformas Digitais 3. Pandemia 4. Artes E Tecnologias 5.

Performing arts in pandemic times: a study of online and presential enjoyment from the play entitled *Desfazenda - bury me out of this place*

Abstract: During the period of social isolation, due to the Covid-19 pandemic, theaters, galleries and other cultural spaces were closed. These restrictions made performing arts professionals seek alternatives for their artistic productions. The stimulus to the imagination, reflection, provocation and exchange between the public and artists gained online platforms. This article proposes to highlight the perspectives of the public and artists in relation to the fruition, experience and reflection of the theatrical play *Desfazenda - bury me out of this place*, staged by the artist collective O Bonde in two moments: in the film-play, presented on-line during the pandemic, and in person after returning to the stage.

Key words: Performing Arts 1. Fruition 2. Digital Platforms 3. Pandemic 4. Arts And Technologies 5.

Las artes escénicas en tiempos de pandemia: un estudio del disfrute online y presencial a partir de la obra *Desfazenda - enterrame fuera de este lugar*

Resumen: Durante el período de aislamiento social, debido a la pandemia de Covid-19, los teatros, galerías y otros espacios culturales estuvieron cerrados. Estas restricciones hicieron que los profesionales de las artes escénicas buscarán alternativas para sus producciones artísticas. El estímulo a la imaginación, la reflexión, la provocación y el intercambio entre el público y los artistas ganó plataformas en línea. Este artículo se propone resaltar las perspectivas del público y de los artistas en relación a la frucción, experiencia y reflexión de la obra teatral *Desfazenda - enterrame fuera de este lugar*, puesta en escena por el Colectivo

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Sobre o autor: Felipe Veiga do Nascimento é Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Monte Serrat e Licenciado em Português e Inglês pela Universidade Paulista - UNIP. Especialização em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado, pelo SENAC SP.

O Bonde en dos momentos: en la película-obra , presentado en línea durante la pandemia, y en persona después de regresar a los escenarios.

Palabras clave: Artes Escénicas 1. Fruición 2. Plataformas Digitales 3. Pandemia 4. Artes Y Tecnologías 5.

Introdução

Durante o período de isolamento social, devido à pandemia da Covid-19, muitos setores da cadeia produtiva do país foram afetados economicamente pela suspensão de atividades presenciais, incluindo o fechamento das salas de espetáculos, de teatros, de galerias e de cinemas. Essas restrições fizeram com que os profissionais da cultura procurassem novas abordagens em suas práticas, propondo acontecimentos artísticos no ambiente on-line, encontrando caminhos para continuidade de seus trabalhos como fazedores das artes cênicas. O estímulo ao imaginário, à reflexão, à provocação e à troca entre público e artistas, nas plataformas digitais, ganhou interações por meio de comentários, curtidas e aplausos transmitidos por *gifs*.

Esse artigo propõe evidenciar as percepções do público e artistas da fruição da obra teatral *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*. O espetáculo teve estreia on-line em 25 de junho de 2021, em formato de peça-filme, após a reabertura dos teatros e a retomada do público aos eventos culturais, a peça ganhou os palcos e as plateias presenciais na cidade de São Paulo em 2022.

Por meio de pesquisas sobre a plataformização e as experimentações teatrais realizadas no período restritivo social, busca-se um entendimento das aproximações das obras artísticas do campo das tecnologias, trazendo elementos reflexivos de especialistas das cênicas acerca das produções, conceitos e a interação entre artistas e espectadores.

Foram realizadas entrevistas com pessoas da plateia que assistiram à peça-filme e o espetáculo presencial, e também com o ator e cofundador do Coletivo O Bonde, Filipe Celestino. A partir desses relatos, há uma perspectiva do aproveitamento, da realização do espetáculo e dos processos decisórios intrinsecamente ligados à tecnologia, como o acesso à internet e os elementos técnicos desta obra teatral. Dessa forma, busca-se também evidenciar as alternativas encontradas e a recepção dessa obra, objeto de estudo, considerando os desafios enfrentados pela classe artística, como a limitação física, espacial, cênica e econômica.

1. A plataformização das artes cênicas no Brasil como ferramenta de interação, experimentação e acesso às novas produções durante a pandemia.

Durante o período da pandemia da Covid-19 em que as medidas restritivas alteraram as praxes de trabalho e lazer, a plataformização da cultura ficou ainda mais em evidência com o aumento da circulação das obras e das produções cênicas nas plataformas on-line. Pode-se compreender esse período como um marco para muitos profissionais do campo da cultura que, com criatividade, resistiram às quedas das receitas e alcançaram novos horizontes. A Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Culturais e Criativos do Brasil³ aponta para um cenário de perdas de receitas na área cultural.

As artes cênicas foram as mais afetadas, com perda total de receita para 63% dos respondentes. Nesse setor cultural, a maioria dos que atuam na área de circo (77%), em casas de espetáculo (73%) e no teatro (70%) perderam a totalidade de suas receitas entre maio e julho. (UNESCO, 2020, p.10)

No momento em que o isolamento social tornou-se uma medida de prevenção para a redução do contágio, as plataformas on-line ocuparam um espaço de convívio virtual, de comércio e de relações comunitárias. Os artistas e profissionais das artes cênicas buscaram nas plataformas digitais, como *Zoom*, *Google Meet*, *YouTube*, e nas redes sociais, como Facebook e Instagram e outras experimentações, um meio de conexão com o público em uma relação intrínseca das artes e das tecnologias.

Para Dubatti (2021, p. 258) “a base para o acontecimento teatral está no convívio.” O autor reflete sobre esse período da quarentena em que os espaços culturais ficaram fechados. Para ele, o convívio e o tecnovívio são diferentes, sendo o último incapaz de substituir o primeiro.

A cultura convivial retraiu-se em todas as suas manifestações, não somente a teatral, todas: as reuniões em presença física nas ruas, nos templos, nos pequenos e grandes estádios de futebol, nas escolas, nas reuniões familiares e nas junções com amigos, nos transportes públicos, nos restaurantes e nos bares, nos negócios, nas festas, nos comícios políticos, etc. (DUBATTI, 2021, p. 258)

Sobre a ideia de plataforma, segundo Poell et al. (2020, p. 7), o conceito passou por diversas transformações ao longo dos anos. Os diferentes entendimentos sobre a plataformização apontam para três âmbitos: infraestrutura de dados, mercados e governança. Em governança que os modos de interação são estruturados.

³ Pesquisa de percepção dos impactos da COVID-19 nos setores cultural e criativo do Brasil, Publicado em 2020 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375069>

Mais visivelmente, as plataformas estruturam como os usuários finais podem interagir entre si e com os complementadores por meio de interfaces gráficas do usuário, oferecendo vantagens específicas enquanto retêm outras, por exemplo, na forma de botões – curtir, seguir, avaliar, comprar, pagar – e métricas relacionadas a eles. (POELL et al apud BUCHER; HELMOND, 2018, p. 7).

Jenkins et al. (2004, p. 2) explica que a Web 2.0 possibilita que produtos e serviços possam ser distribuídos, promovidos e comercializados em plataformas, por meio da internet, que exploram a cultura participativa. Essa forma de estruturação do mercado e das relações entre produtores e público faz com que empresas se beneficiem da criatividade dos usuários por suas produções colaborativas. Através dessas plataformas interativas, o usuário passa a ser cocriador, capaz de influenciar e compartilhar suas experiências, e assim, engajar uma estratégia transmídia.

A experiência pandêmica de artistas e profissionais das artes da cena, no Brasil e em outros países, ainda que em realidades sociais distintas, trazem inquietações artísticas paralelas. Guimarães (2021, p. 12) reflete sobre esse período pandêmico no contexto teatral boliviano e as práticas adotadas para as produções teatrais. Os recursos tecnológicos, juntamente às mídias digitais, tornaram-se um meio possível para a realização artística durante a pandemia.

O contato e a presença, condições fundamentais para a realização da nossa arte, o teatro, não são possíveis neste momento. Faz-se necessária uma indagação sobre questões estéticas, existenciais e temporais, com o objetivo de refletir sobre a possibilidade (ou talvez necessidade) de romper com certos parâmetros estéticos e conceituais das artes cênicas vivas para dar sentido e ressignificar uma nova forma de pensar e criar “teatro” ou, pelo menos, “teatralidades” virtuais. (GUIMARÃES, 2021, p. 12)

A utilização de tecnologias disponíveis como as plataformas e as mídias digitais para as práticas culturais culmina em processos artísticos que tornam esse campo híbrido, como possibilidade de confluência entre linguagens. Sobre a hibridização das artes, Santaella (2003, p.135) ressalta que

São muitas razões para esse fenômeno da hibridização, entre os quais devem estar incluídas as misturas de materiais, suportes e meios, disponíveis aos artistas e propiciadas pela sobreposição crescente e sincronização consequente das culturas artesanal, industrial-mecânica, industrial-eletrônica e teleinformática. (SANTAELLA, 2003, p.135)

As experimentações artísticas, em suportes como as mídias, propiciam o rompimento com o conceito estético tradicional, a incorporar mais linguagens na sua composição.

Tal hibridismo de mídias (vídeo, fotografia, etc.) e linguagens (sonora, visual, textual) é acompanhado de uma mistura entre áreas como a

tecnologia e a ciência e de um rompimento com uma visão radical a respeito de oposições binárias como público/obra, artificial/natural. (ARANTES, 2012, p. 51)

No momento de crise sanitária, a arte do encontro se pôs em transformação no processo da criação e na narrativa, à medida que havia o tensionamento com as questões restritivas da Covid-19. Paiva (2022, p. 57) lembra que “O teatro se estabelece na crise, vive na crise e da crise há mais de três mil anos, portanto, é estruturado para lidar com ela”. A impossibilidade do encontro presencial fez com que atores e atrizes encontrassem outros caminhos para se expressar, propiciando experimentações teatrais com variadas linguagens artísticas, como a do audiovisual, e buscando aproximações com o público.

Só que o artista vai sempre encontrar uma maneira de se expressar, e uma linguagem como a teatral está sempre aberta a mudanças atenta às possibilidades de adaptações e às tecnologias disponíveis. O teatro deu uma grande lição, quebrou muitas barreiras e investiu no teatro digital. Criamos o híbrido do teatro com tecnologia e do teatro com cinema. Só no Brasil foram milhares de dezenas de espetáculos on-line. (PAIVA, 2022, p. 59 - 60).

O que é teatro? O que o diferencia de outras linguagens? Para responder essas questões, Grotowski (1987, p. 16), pesquisador teatral, apresenta dois conceitos: “o teatro pobre e a representação como um ato de transgressão”.

Pela eliminação gradual de tudo que se mostrou supérfluo, percebemos que o teatro pode existir sem maquiagem, sem figurino especial e sem cenografia, sem um espaço isolado para representação (palco), sem efeitos sonoros e luminosos, etc. Só não pode existir sem o relacionamento ator-espectador, de comunhão perceptiva, direta, viva. Trata-se, sem dúvida, de uma verdade teórica antiga, mas quando rigorosamente testada na prática destrói a maioria das nossas ideias vulgares sobre teatro. (GROTOWSKI, 1987, p. 16-17).

A partir dessas reflexões sobre as artes cênicas e das realidades emergentes no enfrentamento à pandemia, destacam-se as relações estabelecidas entre os artistas e o público, e o hibridismo de linguagens cênicas e das tecnologias.

2. Estudo de caso: *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar* - Peça-filme e Espetáculo Presencial.

O espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar* é a segunda etapa da pesquisa Trilogia da Morte sobre a necropolítica de corpos negros, encenada pelo Coletivo O Bonde. A peça teatral é inspirada no documentário *Menino 23 - Infâncias perdidas no Brasil*,

de Belisário França, que conta a história de crianças negras escravizadas em uma fazenda integralista em Campina de Monte Alegre, no interior de São Paulo, em 1930.

Criado em 2017, o Coletivo O Bonde é composto pelos artistas negros e periféricos Ailton Barros, Filipe Celestino, Jhonny Salaberg e Marina Esteves. *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar* tem dramaturgia de Lucas Moura, direção geral de Roberta Estrela D'Alva e direção musical de Dani Negra. A narrativa apresenta personagens identificados por números, como 0, 12, 13, 23 e 40. Para a montagem, a equipe adentrou no estudo da palavra e da cultura urbana, e trouxe à cena possibilidades de narrativas usando técnicas como a poetry slam, conhecida como batalha de poesia, *spoken word* ou poesia falada, além de *beatbox* e *samples* que dão o ritmo e cadência à voz e ao movimento corporal que compõem o espetáculo. O corpo artístico teve também como referências os filósofos Grada Kilomba, Frantz Fanon e William Edward Du Bois e as produções artísticas de Antonio Obá e Mohau Modisakeng.

O espetáculo teve estreia on-line em formato de peça-filme em 25 de junho de 2021, por conta da pandemia da Covid-19, no Palco Virtual do Itaú Cultural, sendo premiado como Melhor Espetáculo Virtual pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes). Após a reabertura dos teatros, a peça ganhou apresentação presencial, com temporada em dezembro de 2022 a janeiro de 2023 no Sesc Avenida Paulista.

3. Métodos de pesquisa

Com objetivo de observar os processos que permearam a montagem da obra, assim como as percepções e experiências artísticas do Coletivo O Bonde na pandemia, a pesquisa busca evidenciar a fruição do espetáculo nas perspectivas do público do ambiente on-line e do presencial, trazendo reflexões e relatos sobre a aproveitamento da obra, considerando o ineditismo da vivência pandêmica da Covid-19 em relação às novas práticas sociais, às adaptações e às experimentações.

A fruição é uma das seis dimensões de conhecimento que caracterizam uma experiência artística, assim como a reflexão, segundo orienta a Base Nacional Comum

Curricular⁴, que propõe a articulação dessas especificidades que decorrem de linguagens como as artes, teatro, música e dança.

Para a BNCC (2018), a fruição está relacionada ao

deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais. (BRASIL, 2018, p. 195)

A reflexão é outra dimensão importante dessa perspectiva para a experiência com as artes e está presente nos relatos do público entrevistado, para compreender a recepção da obra *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*. Essa dimensão, segundo a BNCC, entende-se por

processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor. (BRASIL, 2018, p. 195).

Para observar as percepções do público e artistas e como foi a fruição do espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*, do formato em peça-filme e da montagem presencial, foram realizadas entrevistas com quatro pessoas espectadoras que se dispuseram a compartilhar suas impressões e experiências.

Todas as entrevistas foram feitas individualmente pela plataforma *Google Meet*, a partir de um roteiro semiestruturado (APÊNDICE A), com perguntas abertas para livre relato, permitindo indagações espontâneas.

Na descrição desses relatos, os espectadores entrevistados (E) estão identificados por ordem cronológica em que as entrevistas foram concedidas, de E1 a E4. Todos assistiram à peça presencial, e desse total, dois assistiram à peça-filme.

Entrevistado 1 (E1): analista financeiro, 31 anos, espectador presencial.

Entrevistada 2 (E2): arquiteta e vendedora, 30 anos, espectadora presencial.

Entrevistado 3 (E3): artista, 31 anos, espectador da peça-filme e presencial.

Entrevistado 4 (E4): ator, 32 anos, espectador da peça-filme e presencial.

O ator e cofundador do Coletivo O Bonde, Filipe Celestino, concedeu entrevista sobre a peça, contando as vivências e os processos artísticos para as montagens da peça no

⁴ Base Nacional Comum Curricular. Definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas e estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

ambiente on-line e presencial, sua perspectiva sobre a experiência pandêmica e sobre a fruição da obra com o público e artistas. O WebDoc Memória da Cena - O Bonde, do Sesc Parque Dom Pedro II, disponível no canal do *YouTube*, também foi fonte de pesquisa.

4. Da concepção à fruição on-line e presencial do espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*: uma perspectiva de artistas como Filipe Celestino - ator e cofundador do Coletivo O Bonde.

Filipe Celestino integra o elenco do espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*", composto também por Ailton Barros, Jhonny Salaberg e Marina Esteves - e juntos formam o Coletivo O Bonde, criado há cinco anos com interesse de pesquisar a narratividade. Essa é a segunda peça da Trilogia da Morte. A primeira foi a infantil *Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus*, apresentada antes da pandemia, em 2019.

O ator teve contato com o texto de Lucas Moura, que chama-se *Como criar para si um corpo negro sem órgãos?* que posteriormente, com a montagem da peça, foi intitulada *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*. Ele lembra que o texto caminhava facilmente para uma poesia quase que rimada, e o Coletivo já “flertava com esse lugar de fala quase hip-hopizada”. A partir do interesse pela linguagem *Spoken Word*, como narratividade, que o Coletivo convidou Roberta Estrela D’Alva para direção.

A gente teve uma primeira semana de ensaio, acho que a gente se viu, a gente se viu uma vez na casa da Roberta para ler o texto, outra vez num espaço ali pra poder começar a estudar o *Spoken Word* presencialmente. E na semana seguinte foi decretado *lockdown*⁵. (CELESTINO, 2023, informação verbal)⁶

O lockdown foi um momento crítico para muitos profissionais das artes cênicas, em que tiveram que tomar novos rumos para seus projetos. Filipe conta que o Coletivo passou então a estudar essa linguagem, *Spoken Word*, pelo *Zoom*, tendo como fonte de pesquisa o livro *Teatro Hip Hop*, indicado por Roberta. Durante os encontros virtuais, cada artista fazia um depoimento pessoal sobre suas vivências daquele momento pandêmico. E complementa:

Então cada um fez um depoimento pessoal de cada personagem. Cada um passou pelo 12, cada um passou pelo 13, cada um pelo 40 e cada um pelo

⁵ Segundo o Conselho Nacional de Saúde (CNS), “*Lockdown* é uma expressão em inglês que, na tradução literal, significa confinamento ou fechamento total.” Termo utilizado em referência a uma medida de “bloqueio total”, para que as pessoas ficassem em casa. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1164-lockdown-cns-defende-distanciamento-social-mais-rigo-roso>. Acesso em 01 de junho de 2023.

⁶ Informação concedida por Filipe Celestino em entrevista a Felipe Veiga do Nascimento, pela plataforma Google Meet, em 6 de fevereiro de 2023.

23. Quando a gente terminou de fazer isso, isso foi um longo tempo, a gente percebeu que não ia conseguir voltar pro presencial tão cedo. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

Filipe explica que o projeto da peça foi contemplado pelo *Prêmio Zé Renato de Teatro* para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura. Por conta do prazo de entrega até o final de janeiro de 2021 e com a vinda da segunda onda da Covid-19, o projeto teve continuidade no digital. A ideia de fazer teatro pela plataforma *Zoom* não agradava o Coletivo. Filipe Celestino (ator) comenta "a gente não queria fazer esse teatro de zoom (...). Enfim, a gente não gostava de nada do que a gente estava vendo e a gente também não tinha nenhuma ideia melhor para o ao vivo."

A peça tem um jogo cênico pautado na poesia falada "*Spoken Word*", uma narrativa dinâmica, compassada, ritmada na cultura urbana do hip-hop, com *beats* e *samples*, que remete às batalhas de rimas. Filipe Celestino (ator) fala sobre a dificuldade enfrentada pelos artistas para estudar o texto usando o *Spoken Word*:

Não dá pra fazer o *Spoken Word* no digital, não dá no sentido. O *beat*, por exemplo, ele tem um *delay* né? O que você está escutando é diferente do que eu estou escutando. Então se você solta o *beat* e eu vou te acompanhar junto na fala, na métrica, na rima, na musicalidade, vai ter um *delay* que vai fazer com que as coisas não se encaixem. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

No webdoc *Memória da Cena*⁷, o ator Jhonny Salaberg (2021), também cofundador do Coletivo O Bonde fala sobre esse desafio com as plataformas digitais:

O espetáculo tem essa pegada de linguagem específica que é o *Spoken Word*, que é o texto falado junto da métrica e junto com o *beat*. Então traz uma cadência de ritmo em que o *delay* do *Zoom* ou do *Google Meet*, qualquer outra plataforma virtual nos impossibilita de seguir uma cena de forma que ela deve seguir. (SALAGERG, 2021)

Por conta disso, todos os artistas decoraram as falas de todos. Para que isso fosse possível, a diretora e produtora musical Dani Nega fez o *beat* e a diretora Roberta Estrela D'Alva gravou a fala de cada um. Na gravação havia uma lacuna para que cada artista pudesse "dar o texto" no tempo do *beat*.

Então eu ficava ouvindo e aí chegava a minha fala, eu dava o texto no tempo do *beat*, e voltava a Roberta fazendo a fala do Johnny, fazendo a fala da Marina, fazendo a fala do eu. Esse foi o jeito que a gente foi conseguindo estudar um pouco o espetáculo dentro dessa realidade virtual. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

⁷ WebDoc *Memória da Cena: O Bonde*. Youtube, 17 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyA0CnXiIWk&t=30s>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

Filipe comenta que Coletivo não queria falar em teatro on-line, e pesquisando, chegaram ao formato de peça-filme. A princípio, o dramaturgo Lucas Moura escreveu a peça para uma montagem presencial, mas com o avanço da pandemia, a adaptação foi inevitável para sua estreia on-line.

A gente precisou diminuir tudo, Lucas precisou diminuir o texto dele pra quase vinte e cinco páginas, de setenta e poucas pra vinte e cinco (...). Eu acho que foi muito bom pra dramaturgia assim. Então ele conseguiu tirar, tinha um relacionamento do 23 com o 40, tinha uma treta do 13, tinham várias coisas. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

Para a montagem e ensaio geral do espetáculo, a equipe artística precisou se reunir presencialmente. Durante uma semana, em uma chácara em Caieiras - SP, como um “retiro presencial”, a equipe estudou os movimentos, os gestos e a poesia falada. E após esse período, a equipe seguiu para a gravação da peça no Teatro Santa Cruz. Filipe Celestino fala de sua experiência nesse processo de criação.

(...) foi um processo surreal. Foi surreal ficar um ano dentro do on-line, e uma semana se vê voltando a entender o que é o corpo, voltando a entender o que era ao vivo, a gente nunca tinha ficado uma semana convivendo entre nós assim, e depois ir para um teatro e passar dois dias gravando sem poder repetir take, sem poder fazer a coisa com calma. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

Segundo Celestino, a diretora do espetáculo não queria abandonar o teatro na montagem virtual, então decidiram pelo formato peça-filme, juntando o teatro ao cinema, trazendo uma fotografia própria da linguagem em uma relação de teatro, tendo uma iluminação cênica.

A gente não abandonou os pedestais e o microfone mesmo estando no cinema. Mas ao mesmo tempo a gente se utilizou das ferramentas do cinema como recortes, como o zoom, para poder ajudar a contar essa história, né? Então, por exemplo, o diário é aquele momento que a gente vai ler no diário do Zero, quando a gente encontra ele morto. Aquilo foi feito usando a estética do cinema. Então foi filmado cada um por vez dando zoom, botando a música de fundo e foi criado, e a gente criou aquilo naquele momento, a fotografia “olhando” foi criada para o cinema. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

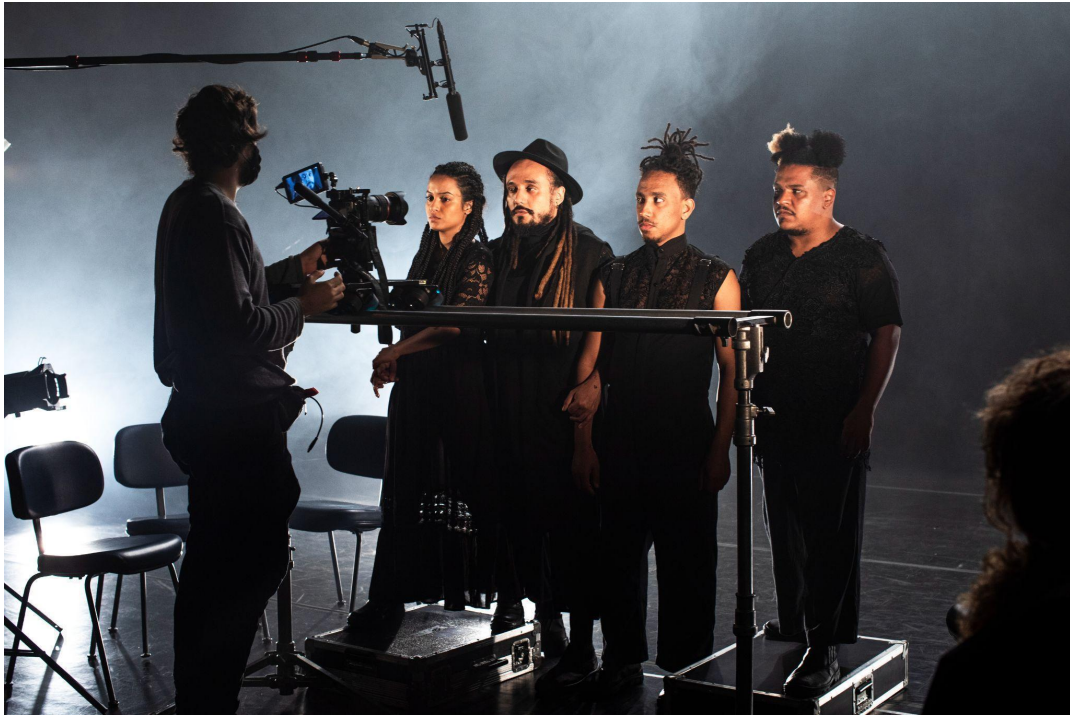


Figura 1 - Bastidores da gravação da peça-filme.
Marina, Filipe, Jhonny e Ailton. Foto: José de Holanda



Figura 2 - Filipe Celestino, Ailton Barros, Marina Esteves e Jhonny Salaberg
Fonte: imagem extraída da peça-filme *Desfazenda*

Com a reabertura das salas de espetáculos, a peça ganhou estreia presencial, porém algumas adaptações foram necessárias. Filipe Celestino relata que a mesma cena que se faz no cinema não funciona no teatro. Para isso, foi necessário recriar as cenas dentro do teatro a depender do tipo de movimentação cênica.

Para ele, a experiência do teatro pede uma outra dinâmica. Houve coisas que se mantiveram nos formatos on-line e presencial. Segundo o ator Filipe Celestino, à medida que a história é contada, a principal parte tem um “*beat*”⁸, começando com o ator Ailton e a atriz Marina em cena. “O *beat* está construído, a métrica das falas está construída, a gente vai ficar atrás de um pedestal, tanto na peça-filme quanto no teatro, isso, as coisas funcionavam para ambas as linguagens.”



Figura 3 - Ailton Barros e Marina Esteves em cena
Foto: José de Holanda

Por outro lado, algumas adaptações e modificações aconteceram para a montagem da peça no teatro. Filipe exemplifica a resolução de uma cena em que os atores encenam o enterro do personagem Zero. No teatro, os artistas saem do espaço cênico, indo até a parte externa do teatro para fazer o enterro em uma árvore, com as mãos cheias de terra é feito a cena “um enterro fora desse lugar”. Já na peça-filme, são jogadas rosas no mar e depois mostram imagens embaixo da água.

Tiveram coisas que o teatro exigia. Exigia uma outra linguagem mesmo, uma outra presença, um outro discurso, uma outra narrativa. A mesma coisa que “um diário”. O diário realmente era na peça-filme, todo mundo sentado, aí aparece um por vez nos textos. Isso já era o suficiente, isso para o cinema

⁸ Beat - (s.f) batida. [música] - uma série de sons ou movimentos. Fonte: Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/beat>.

já é muita coisa. O cinema é a expressão dos olhos, é da fala, isso dava conta. No teatro isso não dá conta.”, lembra o cofundador do Coletivo O Bonde. (CELESTINO, 2023, informação verbal)



Figura 4 - cena do enterro do personagem Zero.
Em frente ao Sesc Avenida Paulista. Foto: Felipe Veiga



Figura 5 - rosas no mar
Fonte: imagem extraída da peça-filme Desfazenda

Filipe Celestino lembra do momento em que na peça-filme se ouve o tocar do sino da igreja, juntamente às imagens reais da igreja e das crianças na fazenda integralista, retomando a cena da peça na sequência. Já na apresentação presencial, pensou-se em qual “camada real” poderia ser usada em cena, resultando em trazer a voz do próprio Menino 23, o senhor Agenor.

Essas perspectivas técnicas dos artistas para as linguagens e formatos escolhidos por eles para contar a história de *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar* tomaram uma forma de interação com público. A realidade da pandemia convidou também o público a aprender e a vivenciar momentos de novas práticas sociais e culturais. Sobre esse contato com o público e a fruição do espetáculo, Filipe Celestino conta que as apresentações da peça-filme, transmitidas no *YouTube*, sempre começavam no horário marcado e com o chat aberto para comentários durante o espetáculo e ao final, quando permaneciam on-line mais um pouco para essa troca.

A gente recepcionava, a gente fazia um teatro mesmo, assim, no sentido de recepcionar as pessoas, falar boa noite galera, sabe? Controlando aqui, ficava puxando papo, pô, agora vamos começar, se vocês puderem ficar num lugar confortável, deixar o celular de lado, botar um fone de ouvido, apagar a luz. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

Filipe Celestino lembra de como era assistir ao espetáculo dentro de casa em meio a pandemia, para isso, o Coletivo tentava criar uma “atmosfera.” Ele comenta sobre a necessidade de criar um ambiente para assistir à peça-filme. “(...) assistindo ao espetáculo no meio de uma pandemia dentro de casa, se eu estou assistindo à televisão, toca meu *WhatsApp*, eu vou parar de assistir à peça e vou olhar o meu *WhatsApp*.”

Celestino fala da importância de criar uma atmosfera das pessoas se prepararem para viver essa experiência, e para isso, o Coletivo se fazia presente no on-line recepcionando o público, acompanhando os comentários e também ao final da transmissão. “(...) a gente não estava só dando play na peça e deixando todo mundo ver, não. A gente estava ali e era importante pra gente estar ali assistindo junto.”

Sobre o resultado alcançado na peça-filme, em uma produção entremeada com o teatro e cinema, Filipe conclui que tem uma sensação que encontraram um híbrido equilibrado entre ambos, teatro e cinema. Ele explica que Roberta, diretora, fez questão de não abrir mão do teatro.

A gente não precisava do microfone, a gente não precisava da trilha sonora tocando ao vivo na hora pra gente, falando isso no sentido de que as coisas,

elas, foram escolhidas para serem teatro também. Então o pedestal e o microfone, eles foram escolhidos para estar lá esteticamente. (CELESTINO, ator)

Para ele, a escolha de gravar a peça em um teatro, em um palco, foi para que o teatro conversasse com o cinema. Aliás, duas obras cinematográficas foram referências para a montagem e citadas pela diretora Roberta Estrela D’Alva no livreto de mediação da peça no Sesc Avenida Paulista. São elas, *A. Huey P. Newton History*, do diretor Spike Lee, e *SLAM*, de Marc Levin.

Quando lembrado dos desafios escancarados durante a pandemia, como a falta de conexão acessível, das dificuldades enfrentadas nas diversas realidades em tantos lares, dificultando o acesso às produções culturais no ambiente virtual, Filipe comenta que isso vai além da internet.

Qual é a qualidade do teu aparelho? Você consegue privacidade na tua casa? Qual é o maior cômodo da tua casa? Você está morando sozinho? Você mora com cinco crianças, mais, você mora com sua família toda num único cômodo? Como que você pede pras outras pessoas fazerem silêncio pra você assistir a uma peça de teatro? É muita coisa envolvida. (CELESTINO, 2023, informação verbal)

Ele reforça que isso tudo foi pensado ao fazer a peça-filme. E lembra, “Nós somos o coletivo preto de teatro, né? Então a gente pensa que esse também é o público que assiste a gente.” O Coletivo O Bonde é formado por artistas negros e periféricos, da Escola Livre de Teatro de Santo André.

Sobre o uso pós-pandemia das plataformas on-line para o teatro como possibilidade de aproximação com o público, ou uso desta ferramenta com finalidade de processo aberto, oficinas, workshops e debates on-line, Filipe Celestino dá sua opinião: “Acho que a gente tem que fazer teatro para o presencial. Acho que a gente tem que, você quer trazer a tecnologia para dentro do teatro? Traz a tecnologia para dentro do teatro, mas é presencial.”

Ao falar sobre a internet nos dias de hoje, ele reitera,

Internet, hoje, é a televisão né? Ela é a televisão do meu tempo de criança. A gente cria programas para internet, a gente pode criar conteúdos que agregam ao que a gente faz no presencial. Mas uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, sabe? Eu não quero que a gente precise pensar em teatro on-line mais da vida porque realmente acho que a gente está saturado de internet sim, mas também porque é cruel, né? (CELESTINO, 2023, informação verbal)

5. Experiências, fruição e percepção da peça *Desfazenda - Me enterrem fora dessa lugar*, sob a perspectiva de pessoas público on-line e presencial.

Quatro pessoas se dispuseram a compartilhar suas experiências do momento pandêmico como público, todas espectadoras do espetáculo presencial *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*, no Sesc Avenida Paulista, sendo duas dessas público da peça-filme apresentada no projeto Palco Virtual, do Itaú Cultural, em junho de 2021.

O Entrevistado 1⁹ tem 31 anos, com superior completo, é analista financeiro, e a Entrevistada 2¹⁰, 30 anos, formada em Arquitetura, trabalha atualmente na área da construção civil. Ambos assistiram ao espetáculo presencial e contam suas percepções e fruição da peça. Já o Entrevistado 3¹¹, 31 anos, artista e o Entrevistado 4¹², 32 anos, ator, assistiram à peça-filme e ao espetáculo presencial e dividem suas experiências, suas impressões e seus relatos sobre como lideraram na pandemia com o uso de plataformas para o convívio social, para o trabalho e lazer.

O assistente financeiro (E1) não teve contato com o teatro durante a pandemia. Nesse período seu consumo maior era de filmes da plataforma *Netflix*. “Acabou que foi o período que eu reduzi muito o meu consumo de artes no geral, assim. De forma geral mesmo. De teatro, por exemplo, eu não vi nada nesse período”, explica ele.

Havia alguns anos que o Entrevistado 1 não voltava ao teatro. A última vez foi antes da pandemia, no Sesc Belenzinho, com a peça infantil *Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus*, do Coletivo O Bonde, a primeira da Trilogia da Morte.

O uso de plataformas como *Google Meet*, *Teams*, *Zoom* não foi novidade para ele. Essas ferramentas digitais fazem parte de seu dia a dia no trabalho, e são utilizadas, principalmente, para reuniões externas da empresa.

O Entrevistado 1 assistiu ao espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*, no Sesc Avenida Paulista, e comenta sobre sua retomada à plateia e sua percepção no contato

⁹ Entrevista concedida por N. C. S.. Entrevistado 1. [01.2023]. Entrevistador: Felipe Veiga do Nascimento, 2023. arquivo.mp3 (19min).

¹⁰ Entrevista concedida por V. P. P.. Entrevistada 2. [01.2023]. Entrevistador: Felipe Veiga do Nascimento, 2023. arquivo.mp3 (16min).

¹¹ Entrevista concedida por B. C. Entrevistado 3. [02.2023]. Entrevistador: Felipe Veiga do Nascimento, 2023. arquivo.mp3 (25min).

¹² Entrevista concedida por R. O.. Entrevistado 4. [02.2023]. Entrevistador: Felipe Veiga do Nascimento, 2023. arquivo.mp3 (32min).

com o texto e narrativa da obra do dramaturgo Lucas Moura. Ele comenta que achou incrível ainda que não tenha muito contato com o teatro, e complementa sobre sua experiência.

Então, fui meio sem saber o que esperar, não tinha muito do contexto do que seria a peça e eu inclusive nem cheguei a ler o folheto lá antes da peça. Então, nem conseguia a princípio me situar exatamente, depois eu fui ler a questão da fazenda nos anos 30, então isso nem tinha muito contexto na hora da peça, mas eu até comentei depois com os amigos que a gente saiu. (E1, 31a, Assistente Financeiro).

No seu relato sobre o que achou da composição cênica, os termos “imersivo e incrível” apareceram em vários momentos da conversa. "Eu achei extremamente imersivo, em termos de luz e a música ali, e como que é os atores, assim, eu achei uma coisa imersiva de um ponto que me surpreendeu.”

E1 complementa,

(...) porque realmente foi uma coisa que me deu um estalo, sabe? De como foi muito imersivo, achei assim, naquela uma hora e pouco eu estive ali, desliguei, realmente eu estava atento, tentando entender exatamente todas as nuances ali que era possível sem aquele contexto que eu te disse da história exatamente. E mesmo o final, depois de sair e fazer o velório sem corpo lá embaixo, foi um ponto que até me emocionou. (E1, 31a, Assistente Financeiro)

A arquiteta (E2) comenta sobre seus hábitos de consumo culturais na pandemia. Nesse período, ela parou de fazer muita coisa, inclusive as séries e filmes que costumava assistir.

Eu já estava num processo de focar em leitura e aí da pandemia, quando segurou todo mundo em casa, foi então que eu fui de cara na leitura. Então eu era muito de assistir filmes, de assistir séries, eu dei uma parada em tudo e foquei na leitura mesmo. (E2, 30a, Arquiteta)

Sua função de vendedora não exigia interação on-line e, com o surgimento da pandemia, isso não mudou. A entrevistada (E2) não utilizava as plataformas on-line, nem para o encontro entre os amigos. “Cheguei também a participar de um, dois, não me adaptei”. E continua, “Do contato visual assim, muita mensagem, mas o ao vivo não me adaptei ao uso desse tipo de interface.”

Ela (E2) lembra que foi assistir ao espetáculo “*Desfazenda*” porque tem amigos em comum com um dos atores, e conta que foi à peça infantil do Coletivo O Bonde, a primeira da Trilogia da Morte, antes da pandemia. A arquiteta é uma das espectadoras do espetáculo presencial *Desfazenda*, no Sesc Avenida Paulista. No entanto, ela não conseguiu assistir à peça-filme. “(...) realmente é uma coisa que assim, eu não consigo, sabe? Ter aquele vamos,

vai. Agora é hora de sentar e vamos assistir. Realmente tem uma trava que eu preciso aprender a lidar com ela”, explica.

Vinda de Sertãozinho para São Paulo, *Desfazenda* foi seu primeiro espetáculo “pós-pandemia”, depois de ter conseguido um emprego na Capital. Sobre sua percepção e fruição da peça, ela diz

Achei incrível. Achei assim sensacional. Uma sensibilidade e sutileza pra contar uma história que eu acho, assim, é necessária. Das atuações, já tinha gostado da primeira peça, eles são impecáveis. Acho que é Marina o nome dela, achei incrível a atuação dela, não só dela, dos meninos também, mas ela me tocou, o papel dela, né? As partes que ela fazia sozinha, achei muito linda. (E2, 30a, Arquiteta)

A espectadora (E2) conta que, quando saiu da peça, achou tudo muito bonito: a trilha sonora, os efeitos sonoros e a iluminação. “(...) foi pra mim assim impecável, foi um todo, ficou muito lindo. Entre a atuação, o trabalho sonoro e a iluminação, pra mim, foi impecável. E o tema, o jeito que eles trabalham.”

O Entrevistado 3 assistiu ao espetáculo presencial e on-line algumas vezes. Sua percepção evidencia um olhar de quem conhece os dois lados, tanto do público mas também uma reflexão sobre o feitio que uma montagem leva e exige de artistas e equipe técnica. Ele declara que os dois formatos lhe agradaram. “Eu gosto muito dos dois projetos, dos dois trabalhos que eu acho que eles têm essa perspectiva bem consolidada, assim de transposição do teatro para o audiovisual”, conta E3.

O artista (E3) comenta sobre sua experiência com a peça-filme.

Um processo muito maluco que ela (diretora) faz um filme pra fazer uma peça. E ao mesmo tempo fica ali a consistência, a qualidade do audiovisual, mas ao mesmo tempo ainda é teatro, mas é um teatro onde o processo foi uma experiência com o público do *YouTube*, aí é uma coisa que eu falo, é uma experiência antropológicas em meio social de percepção disso, de quando ator e intérprete fala “nossa que processos malucos que a gente pode ter para se chegar”, sabe. Assim, é uma peça e às vezes pode ser um filme. (E3, 31a, Artista)

Durante a pandemia, ficou muito evidente o aumento de espetáculos no ambiente on-line. Sobre esse formato escolhido pelo Coletivo O Bonde, uma peça-filme, E3 explica que assistiu a alguns espetáculos na pandemia, mas aconteciam em plataformas como *Zoom*, *Google Meet*, uma experiência com formato interativo mas que não era necessariamente um filme. E fala mais sobre a recepção da obra como público.

Eu trabalho com audiovisual e pra mim de olhar, mano, pra mim é cinema, por mais que seja teatro. Aí você fica nessa, é teatro, é cinema, mas é isso

tipo. Eu sinto que ali com o Desfazenda foi o que eu me senti mais contemplado, mais imerso, mas eu cheguei sim a ver outros espetáculos. (E3, 31a , Artista)

O espectador (E3) conta sua percepção sobre a fruição da peça-filme, transmitida no *YouTube*. “Aí eu lembro dessa sensação de abrir no *YouTube*, sabe? De estar esperando algo no *YouTube*. Era uma ação de plateia espectador um pouco engraçada, diferente e ao mesmo tempo tinha uma expectativa.

Na peça-filme, as vozes das atrizes Grace Passô e Negra Rosa ganham um texto poético e reflexivo, como mãe e criança, e são percebidas em momentos que não acontecem no palco, mas se misturam a imagens como o mar. Sobre isso, E3 expressa sua perspectiva.

Eu acho que ela é uma grande voz do teatro e ela já estava começando ali, abrindo o espetáculo. Então pra mim, já fui me pegando, e aí na medida que iam tendo as mudanças de cena, o jogo de luz, os elementos de narrativa da peça-filme, isso ainda eu lembro que ia me encantando cada vez mais, sabe? (E3, 31a , Artista)

Além de se encantar como as transições eram feitas de maneira não óbvias, E3 também gostou muito do jogo de palavras do *spoken word*.

Eu acho que esse jogo do *spoken word*, da Roberta Estrela D’Alva, traz uma cadência, uma música, aproxima um pouco não de videoclipe, sabe, mas tem um lugar não dramático realista das relações, tem um lugar meio da cadência do rap, do hip-hop, do som ritmado. (E3, 31a , Artista)

O E3 estava na plateia quando a peça ganhou temporada presencial. Ele faz uma reflexão como foi assistir aquela história da peça-filme, agora no palco do teatro. Para ele, a história das crianças que cresceram na fazenda era mais importante do que necessariamente os efeitos do audiovisual, que foram condensados no espetáculo presencial.

Eu via o mar, eu ouvia a voz da Grace, mas ela não estava ali. Mas ao mesmo tempo era aquela história. Estava me tocando novamente, eu já conhecia aquela história, já sei o que acontecia, mas estava me surpreendendo e me pegando novamente porque estava sendo contada de uma outra maneira. (E3, 31a , Artista)

Para o artista (E3), a mensagem que o Coletivo O Bonde apresenta com espetáculo *Desfazenda* se manteve, da compreensão dos medos, das barreiras do preconceito e do genocídio que acontece da população periférica. Ainda que outros recursos cênicos tenham sido usados, a história se manteve. “Eu achei isso muito interessante também: a parte de acabar na Avenida Paulista, sabe? De frente pra rua, a coisa do olhar para o público, olhar para a cidade.”

O Entrevistado 4 vivenciou os desafios que a pandemia impôs como profissional das artes cênicas e também no seu cotidiano.

Olha, eu acho que a gente estava vivendo um momento de calamidade. Na sociedade, e muitas pessoas e grupos, inclusive, estavam tentando fazer algumas experimentações de trabalhos em vídeo. Eu sou artista, sou ator, eu confesso que não consegui me adequar muito bem, mas assisti alguns trabalhos, dentre eles foi *Desfazenda*, a peça-filme e confesso que foi uma das melhores coisas que eu vi durante a pandemia, não só da peça, teatro-filme, mas uma das melhores coisas que eu vi de arte nesse período catastrófico que a gente estava vivendo. (E4, 32a, ator)

Para o ator (E4), o Coletivo O Bonde alcançou um resultado potente, em harmonia com as atuações, a direção, a iluminação e o trabalho corporal, vocal e musical. E comenta mais sobre sua perspectiva a respeito da dramaturgia.

Acho que a peça em si e também por se tratar de uma realidade, traz uma metáfora muito forte sobre a vida de um corpo negro na sociedade brasileira, que muitas vezes a gente tem medo de ultrapassar uma fronteira porque a gente tem medo do tiro, a gente tem medo da bala, a gente tem medo de que coisas possam acontecer. Eu sinto que o grupo em si conseguiu poetizar, de uma forma brilhante, o que significa esse corpo que pode levar bala a qualquer momento, que não consegue viver aquilo e é que a sua essência pede e também porque vivem num regime de prisão, de aprisionamento. (E4, 32a, ator)

A pandemia foi um período de muitas experimentações artísticas em que grupos procuraram possibilidades de trabalho e aproximações com o público. Ao mesmo tempo, também o público pôde vivenciar momentos e práticas culturais que até então estavam condicionados ao convívio presencial. E4 faz uma reflexão sobre sua vivência como espectador on-line e sua percepção nesse contato com essas proposições artísticas.

Eu tive muita dificuldade em absorver muitas coisas do que eu vi realmente. (...) mas eu realmente acho que esse trabalho do Bonde, essa peça-filme *Desfazenda* foi a melhor coisa que eu vi, assim, em questão de resultado mesmo. (E4, 32a, ator)

O Entrevistado 4 explica,

Eu vi alguns trabalhos muito precários, muitas tentativas que não conseguia prender atenção do público. Tem muitas coisas frágeis e vi coisas também que não me interessavam tanto, que eu achava quanto ao discurso raso e coisas que, muitas tentativas amadoras de chegar num resultado e não conseguir realmente dar conta, e aquele mecanismo todo estava sendo descoberto. (E4, 32a, ator)

Ele lembra como foi lidar com os meios virtuais na pandemia. “Naquele momento não tinha nem pra onde fugir. Ou você utilizava-se desses meios ou você ficava completamente

isolado na sua intimidade.” O entrevistado (E4) assistiu à peça-filme *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*” e o espetáculo presencial, e faz um paralelo dos dois formatos e de suas narrativas cênicas. Para ele, as duas montagens apresentam o mesmo discurso e trazem aspectos parecidos, porém são diferentes.

Eu sinto que, na peça-filme, eu fico numa viagem muito grande daquele universo, na peça presencial também, mas, a peça presencial tem essa coisa da gente, às vezes, como espectador, também buscar o olhar de quem está contando aquela história. Então muitas vezes eu estou aqui num jogo para tentar olhar e ver se ele está olhando pra mim. (E4, 32a, ator)

Para o E4, a peça-filme faz um jogo de câmera o tempo todo. “Eles jogam com a câmera o tempo todo, mas não sei dizer, assim, sinto que tem sensações muito parecidas e ao mesmo tempo não, mais pela linguagem, mas é num objetivo de atravessamento muito próximo”, conta ele.

6. Considerações finais

O teatro trouxe reflexões e mostrou-se potente em suas proposições, pulsante e criativo no período caótico e restritivo da pandemia da Covid-19. Estabelecer novas possibilidades e compreender a linguagem artística dentro dessa nova realidade, com as plataformas on-line, fez com que o Coletivo O Bonde pudesse encontrar caminhos para concretizar a peça *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar*, que diante da incerteza da retomada presencial, construiu uma dramaturgia e direção artística para a estreia da peça-filme. Dentro desse processo de montagem, destacam-se as dificuldades enfrentadas como o delay das plataformas no ensaio com falas ritmadas que exigiam precisão nas palavras (*spoken word*) e na batida (*beat*). Esse tensionamento evidencia um desdobramento artístico sensível do Coletivo e das diretoras Roberta Estrela D’Alva e Dani Nega, com o direcionamento e processo decisório para o formato da peça-filme. O encontro presencial foi irrefutável para sua realização, sendo necessário o retiro da equipe para ensaiar e posteriormente gravar a peça no teatro, com as composições e elementos cênicos. Esse processo lembra o pensamento de Dubatti (2021, p. 258) no sentido de que o tecnovívio não substitui o convívio, pois são diferentes.

Essa fruição da peça com o público e artistas foi percebida também nas entrevistas com pessoas que, ao longo da pandemia da Covid-19, lideram com as práticas culturais de

formas diferentes, como a Entrevistada 2 e o Entrevistado 1 que não assistiram aos espetáculos on-line nesse período e optaram por outras práticas sem a interação por plataformas. Embora não tenham o hábito de ir ao teatro com frequência, têm interesse por essa linguagem. Ambos destacam que a obra lhes agradou de forma positiva, como os elementos cênicos, a poesia falada, a iluminação e a atuação. Percebe-se que a Trilogia da Morte, sendo a peça “*Desfazenda*” sua segunda parte, foi marcante no retorno dos dois ao teatro. Enquanto E1 destaca como momento marcante o encerramento da peça com o enterro no canteiro de árvores, na calçada em frente ao Sesc Avenida Paulista, E2 elogia a atuação de Marina Esteves e sua expressão corporal.

O Entrevistado 3 e o Entrevistado 4, ator e artista, espectadores das duas montagens (peça-filme e presencial) trazem relatos mais técnicos, expressivos e reflexões sobre a linguagem e formatos, já que durante a pandemia também foram espectadores de outras peças e experimentaram proposições diferentes. Fica perceptível nos dois relatos que a fruição da obra teve um caminho de construção de pensamento e reflexão por dois ângulos distintos, do posicionamento daqueles que já estiveram em algum momento do outro lado, enquanto artistas, e também da plateia, on-line e presencial. Ressalta-se também as comparações da peça-filme com a apresentação presencial, a exemplo da sobreposição de imagens e sons, como a do mar e as vozes de Grace Passô e Negra Rosa, e no presencial o enterro do personagem Zero na calçada do Sesc Avenida Paulista, em plena cidade à volta do convívio presencial.

Por fim, a tecnologia e as artes cênicas estão intrinsecamente ligadas, independente do suporte e formato, tanto nas plataformas e mídias como no palco, o acontecimento teatral encontra seu curso. As perspectivas plurais e artísticas buscam um sentido: a conexão e contato entre o espectador e o ator para a fruição de sua narrativa.

Ainda que a resistência e as adversidades enfrentadas durante a pandemia tenham deixado suas marcas negativas por conta de tanta dificuldade no campo da produção artística e da rentabilidade, a tecnologia e arte seguirão caminhando lado a lado. A aproximação dos recursos tecnológicos e o uso dessas ferramentas por grupos e companhias que até então não incorporavam em seus processos, tanto na preparação, no processo aberto ao público, debates, formato e montagem, tendem a trazer suas vivências e experiências em suas reflexões como possibilidade de acesso e troca de ideias, de criação e discussões culturais. É

preciso lembrar que o uso de tecnologias no teatro não é uma realidade recente, mas que com a pandemia, tornou-se mais evidente.

Essa conexão com o público e artistas seguirá como meio possível de expressão artística, criação e entendimento do teatro como acontecimento, narrativa e atuação, na sua forma plural e ampla. Como disse Paiva (2022, p. 57), “o teatro se estabelece na crise”, e para a arte não há limites e barreiras, o artista sempre encontrará seu caminho. As experimentações teatrais nas plataformas devem continuar como meio, processo ou resultado, ainda que pontualmente para alguns.

7. Referências bibliográficas

AMARAL, Rodrigo Correia; FRANCO, Pedro Affonso Ivo; LIRA, André Luis Gomes (Org.). **Pesquisa de Percepção dos Impactos da COVID-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil.** Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375069?posInSet=13&queryId=341e9048-f941-45cf-8445-efdb43251ed0>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

ARANTES, Priscila. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital.** - 2ª ed. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

ARCANJO, Miguel. **Artistas criam teatro digital e conquistam público on-line.** Publicada em 15 de junho de 2020: <https://www.blogdoarcanjo.com/2020/06/15/artistas-criam-teatro-digital-e-conquistam-publico-online/>. Acesso em 22 de dezembro de 2021.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e Seu Duplo.** Tradução de Teixeira Coelho. Editora : Martins Fontes - Selo Martins; 3ª edição - 1ª reimpressão, 2012 (5 de janeiro de 2006). 174 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

BRASILEIRO, Paula. **O teatro que extrapola limites nos palcos virtuais.** Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/12/03/o-teatro-que-extrapola-limites-nos-palcos-virtuais/>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

CÁDIMA, Francisco Rui. **Novas convergências digitais: mídia, humanidades e artes.** Revista Novos Olhares - Vol.4 N.1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102235/102434>

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE. **Cambridge: Cambridge University Press, 2020.** Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org>. Acesso em 15 de maio de 2023.

CASALETTI, Danilo. **Um ano de shows em casa.** Especial para o Estadão. Publicada em 19 de março de 2021:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,um-ano-de-shows-em-casa,70003652472>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. Tradução Laan Mendes de Barros. 1ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

COULANEON, Phillipe. **Sociologia das práticas culturais**. Tradução Constanca Egrejas. São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Lockdown: CNS defende distanciamento social mais rigoroso**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1164-lockdown-cns-defende-distanciamento-social-mais-rigoroso>. Acesso em 01 de junho de 2023.

CUNHA, Newton. **Cultura e Ação Cultural: Uma contribuição a sua história e conceitos**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

DESAZENDA, Me enterrem fora desse lugar. **SESC SP**. São Paulo, dezembro de 2022. 28 p.

DUBATTI, Jorge. **Experiência teatral, experiência tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem superação evolucionista, nem destruição, nem vínculos simétricos**. Tradução: Victor Lavarda de Freitas. Rebento, São Paulo, n. 14, p. 257-259, jan. - jun. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/609>. Acesso em 20 fevereiro de 2023.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Qual é o impacto da pandemia do coronavírus na criação artística?** Publicada em 15 de abril de 2020. <https://exame.com/casual/qual-e-o-impacto-da-pandemia-do-coronavirus-na-criacao-artistica/> Acesso em em 21 de novembro de 2022.

GILLMOR, Dan. **We the Media: Grassroots Journalism by the people, for the people**. First Edition: O'Reilly Media. Sebastopol: July 2004.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em Busca de um teatro pobre**. Tradução de Aldomar Conrado. 3ª Edição: Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 1987.

GUIMARÃES, Alice. **Tempo, espaço, movimento e ser: uma aproximação ao contexto teatral boliviano em tempos de pandemia**. In Revista Crítica em movimento: panorama do teatro latino-americano visto da ponte /organização Itaú Cultural. - São Paulo, n. 8, 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Por Aí: Cia. Mungunzá de Teatro procura reinventar ações artístico-políticas durante a pandemia de coronavírus**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/mungunza-teatro-procura-reinventar-acoes-artistico>. Acesso em 21 de outubro de 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Webinário debate a mediação das tecnologias digitais nas artes da cena**. Publicada em 1 de setembro de 2021: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/agenda-cultural/webinario-debate-mediacao-tecnologia-s-artes-cenicas>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

IZEL, Adriana. **Conheça iniciativas cênicas que ocorrem pelo WhatsApp: em meio à pandemia, teatro se reinventa com projetos inovadores, entre eles, iniciativas de espetáculos**

pelo whatsapp. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4874129-teatro-se-reinventar-e-utiliza-aplicativos-de-mensagens-e-videos.html>. Acesso em: 09 set. 2022.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014. 408 p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora. 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS).

MUNIZ, Mariana. **Relações entre teatro e tecnologia**. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 30, 2021. DOI: <https://www.doi.org/10.53343/100521.30.01>

OLIVEIRA, Caio C. G. **Reflexões necessárias sobre a plataformização das atividades sociais na Internet**. In Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data/ organizadores. - São Paulo: INTERCOM, 2019. 388 p. il.

MORAES, Eloíze. Quarentena: **Como o teatro está se adaptando na pandemia?** Revista Arco - Jornalismo Científico e Cultural. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/como-o-teatro-esta-se-adaptando-na-pandemia/> Acesso em 18 de novembro de 2022.

NUNOMURA, Eduardo. **Como novas plataformas digitais e a criptoarte estão mudando as formas de expressão artística**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/como-novas-plataformas-digitais-e-a-criptoarte-estao-mudando-as-formas-de-expressao-artistica/>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

PAINEL TIC COVID-19. **Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em 28 de fevereiro de 2023.

PAIVA, Gabriel Fontes. **Reflexões. O Teatro: Lições Para Lidar Com A Crise**. In: OLIVIERI, Cristiane, NATALE, Edson (Org.). Guia brasileiro de produção cultural: ações e reflexões. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. p. 57-61

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização** (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). Revista Fronteiras – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

PRADO, Samantha. **Como é manter a arte viva em meio a uma pandemia?** Disponível em <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/07/como-e-manter-a-arte-viva-em-meio-a-uma-pandemia/>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

PURCINO, Isabella. **O Papel da Internet na Democratização das Artes Cênicas**. Disponível em: <https://www.wedoentretenimento.com/post/o-papel-da-internet-na-democratiza%C3%A7%C3%A3o-das-artes-c%C3%AAnicas>. Acesso em 24 de outubro de 2021.

RAUEN, Margarida Gandara (Margie) et al. **A interatividade, o controle da cena e o público como agente compositor.** - Salvador : EDUFBA, 2009. 250 p. : il.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** Coordenação Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003.

SALABERG, Jhonny. **#Memória da Cena: Coletivo O Bonde.** Youtube, 17 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pnxGUDztzds>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

SESC AVENIDA PAULISTA. Folheto: **Desfazenda, Me enterrem fora desse lugar.** SESC SP. São Paulo, dezembro de 2022. 28 p.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SPINELLI, Diogo. **Teatros possíveis em meio a um apocalipse pandêmico ou Ajuste o seu dispositivo para o modo de exibição em galeria.** In Revista Crítica em movimento: espaços digitais empenhados em artes cênicas / organização Itaú Cultural. São Paulo : Itaú Cultural, 2021.

TEATRO SITUADO. **Revista de Artes escénicas con ojos Latinoamericanos.** Año 1 - Número 1 - Octubre 2020. Edições Hasta Trilce. Instituto Augusto Boal. Edición bilingüe Español/Portugués.

TIC CULTURA 2020. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros.** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1 ed. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Publicado em 17 de junho de 2021: <https://www.cetic.br/pt/pesquisa/cultura/publicacoes/> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Pesquisa de percepção dos impactos da COVID-19 nos setores cultural e criativo do Brasil.** Brasília : UNESCO Office in Brasilia, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375069>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturado

- Cumprimentos.
- Nome, idade, profissão.
- Fazer uma breve fala sobre a pesquisa.

- Você já conhecia o Coletivo O Bonde?
- Participou de algum encontro/atividade formativa com o Coletivo? Conte-me sua experiência.
- Assistiu à peça-filme no Palco Virtual do Itaú Cultural? Como foi sua experiência? (livre relato)
- Já assistiu alguma peça-filme antes? O que achou desse formato?
- Você assistiu a outros espetáculos durante a pandemia, no período de isolamento social?
- Poderia falar um pouco sobre esse momento pandêmico? Como foi esse período (pandemia) para você?
- Como lidou com as artes durante a pandemia?
- As plataformas foram essenciais para você? Como você lidou com as plataformas?
- Você já utilizava plataformas digitais para o trabalho e/ou lazer? Conte-me um pouco.
- Você assistiu à peça presencial? Conte sobre sua experiência.
- O espetáculo *Desfazenda - Me enterrem fora desse lugar* usa técnicas como a poesia falada (spoken word), sample, beat-box, batalha de poesia. Como foi sua percepção no formato on-line/no presencial? (livre relato)
- O que mais poderia compartilhar de suas observações, da fruição (público/artista e obra)? Fique à vontade para falar.

Agradecimentos